

## **Variação pronominal *nós/a gente* na fala de norte-paranaenses: o papel dos fatores extralinguísticos**

***Pronominal variation “nós/a gente” in the speech of individuals from Northern Paraná: the role of extralinguistic factors.***

***Variación pronominal “nós/a gente” en el lenguaje de los habitantes del norte de Paraná: el papel de los factores extralingüísticos***

Laura Bellanda Galuch<sup>1</sup>

 0000-0003-0848-1884

Vanderaci de Andrade Aguilera<sup>2</sup>

 0000-0003-3052-3710

**RESUMO:** É consensual que a variação é uma das características das línguas em geral. Embora existam regras gramaticais categóricas, isto é, que não podem ser violadas pelos falantes, há, por outro lado, regras variáveis, dentre as quais se destaca a variação da primeira pessoa do plural. Mesmo que, invariavelmente, as gramáticas normativas tragam o mesmo quadro de pronomes-sujeito, tal sistema pronominal já não corresponde à realidade linguística brasileira, em que existem dois pronomes de primeira pessoa do plural: *nós* e *a gente*, os quais são recorrentemente encontrados em diferentes regiões do país. Posto isso, o presente trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, objetiva examinar a variação pronominal de primeira pessoa do plural na fala de norte-paranaenses. Para tanto, analisam-se 15 entrevistas de informantes norte-paranaenses, com o intuito de verificar, também, como os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade atuam na realização do fenômeno linguístico em questão. Após a análise, verificou-se que, no Norte do Paraná, há preferência pelo *a gente* como pronome-sujeito de primeira pessoa do plural, independentemente dos fatores sociais analisados.

**PALAVRAS-CHAVE:** primeira pessoa do plural; língua falada; sociolinguística variacionista.

**ABSTRACT:** It is common sense that variation is one of the characteristics of languages in general. Although there are categorical grammatical rules that cannot be violated by speakers, there are also variable rules, among which the variation of the first person plural stands out. Even though, normative grammars invariably present the same set of subject pronouns, this pronominal system no longer corresponds to the linguistic reality in Brazil, where there are two first-person plural pronouns: *nós* and *a gente*, both of which are frequently found in different regions of the country. With that in mind, this present work, based on the methodology of Variationist Sociolinguistics, aims to examine the pronominal

<sup>1</sup> Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2022). Doutoranda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lauragaluch@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – campus de Assis (1990). Pós-doutorado na Universidade Alcalá de Henares (UAH) - Espanha. Docente sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vanderaci@uel.br.

variation of the first person plural in the speech of individuals from Northern Paraná. To do so, 15 interviews with Northern Paraná informants are analyzed to investigate how extralinguistic factors such as gender, age group, and level of education influence the realization of the linguistic phenomenon in question. After the analysis, it was observed that in Northern Paraná, there is a preference for *a gente* as the first person plural subject pronoun, regardless of the social factors analyzed.

**KEYWORDS:** first person plural; spoken language; variationist sociolinguistics.

**RESUMEN:** Existe un consenso en que la variación es una de las características de las lenguas en general. Aunque existan reglas gramaticales categóricas, es decir, aquellas que no pueden ser violadas por los hablantes, también existen reglas variables, entre las cuales se destaca la variación de la primera persona del plural. Sin embargo, las gramáticas normativas proporcionen invariablemente la misma tabla de pronombres sujetos, este sistema pronominal ya no corresponde a la realidad lingüística brasileña, en la que existen dos pronombres de primera persona del plural: *nós* y *a gente*, que se encuentran recurrentemente en diferentes regiones del país. Dicho esto, este estudio, basado en la metodología de la Sociolingüística Variacionista, tiene como objetivo examinar la variación de los pronombres de primera persona del plural en el lenguaje de las personas del norte de Paraná. En este sentido, se analizaron 15 entrevistas con informantes del norte de Paraná, con el objetivo de comprobar también cómo factores extralingüísticos como el sexo, el rango de edad y el nivel de escolaridad afectan al fenómeno lingüístico en cuestión. Tras analizar los resultados, se constató que en el norte de Paraná existe una preferencia por *a gente* como pronombre sujeto de la primera persona del plural, independientemente de los factores sociales analizados.

**PALABRAS CLAVE:** primera persona del plural; lengua hablada; sociolingüística variacionista.

## Introdução

É consensual entre os estudiosos da linguagem que a heterogeneidade é uma característica das línguas em geral (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Embora existam regras gramaticais categóricas, isto é, que não podem ser violadas pelos falantes – como, por exemplo, a ordem do artigo em relação ao substantivo, na língua portuguesa, e a ordem do adjetivo em relação ao substantivo, na língua inglesa –, há, por outro lado, regras variáveis, que se aplicam “quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social” (Monteiro, 2000, p. 58). Dentre as regras variáveis do português brasileiro (doravante PB), destaca-se a variação da primeira pessoa do plural, a qual tem sido objeto de estudo frequente.

Invariavelmente, as gramáticas normativas trazem o seguinte quadro de pronomes-sujeito: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. No entanto, esse sistema pronominal já

não corresponde à realidade linguística do Brasil, que mais se assemelha à proposta apresentada por Castilho (2016, p. 477), como demonstra o Quadro 1.

**Quadro 1** – Quadro dos pronomes pessoais no PB

PESSOA	PB FORMAL	PB INFORMAL
1. <sup>a</sup> pessoa sg.	<i>eu</i>	<i>eu, a gente</i>
2. <sup>a</sup> pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>
3. <sup>a</sup> pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>ele/ei, ela</i>
1. <sup>a</sup> pessoa pl.	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
2. <sup>a</sup> pessoa pl.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>
3. <sup>a</sup> pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>eles/eis, elas</i>

Fonte: Adaptado de Castilho (2016, p. 477).

O Quadro 1 indica que, no PB, existem dois pronomes de primeira pessoa do plural: *nós* e *a gente*. O *nós*, por ser a forma mais antiga, é a variante conservadora, enquanto o *a gente*, a forma mais recente, é a variante inovadora. Ambos os pronomes são encontrados com frequência em diferentes regiões do país<sup>3</sup>, o que indica que o fenômeno em questão atinge o PB de maneira generalizada.

Posto isto, este trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, objetiva evidenciar se, no Norte do Paraná, há uma situação de concorrência e de coocorrência dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Busca examinar, ainda, se os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade condicionam ou não a escolha dessas formas pronominais.

### **Nós x A gente: breves apontamentos**

Omena (1996) é considerada uma das pioneiras quando o assunto é a variação pronominal de primeira pessoa do plural. Segundo ela, o termo *gente*, inicialmente um substantivo feminino, era usado como substantivo coletivo ou como forma indeterminada para se referir a um grupo de seres humanos. Por extensão, passou a ser sempre empregado com o artigo “a” para indicar a primeira pessoa do

<sup>3</sup> Como exemplo, citam-se pesquisas que encontraram variação da primeira pessoa do plural em Belo Horizonte-MG (Maia, 2017), em Curitiba-PR (Tamanine, 2010) e em Vitória-ES (Mendonça, 2012).

discurso. Dessa maneira, houve mudanças semântica e gramatical, já que

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema de pronomes pessoais, conservando porém com o verbo a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical (Omena, 1996, p. 189).

Mediante tais mudanças, a forma *a gente* passa a ter espaço no lugar da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e, conseqüentemente, a concorrer com o pronome *nós*. Segundo Omena (1996), a substituição de *nós* por *a gente* pode ter relação com a necessidade de se contrapor uma referência precisa a uma imprecisa, já que a forma conservadora sempre inclui o comprometimento do *eu*.

Além disso, assim como a forma conservadora, o *a gente* pode desempenhar diferentes funções sintáticas, como adjunto adverbial, complemento, adjunto adnominal e sujeito (Omena, 1996). Se considerada a função de sujeito, diferentes pesquisas (Alves; Sousa, 2020; Foeger, 2014; Omena, 1996; Souza; Botassini, 2009) têm evidenciado o uso cada vez mais frequente do pronome *a gente* em substituição ao *nós*.

Em relação aos fenômenos extralinguísticos, Souza e Botassini (2009), por exemplo, identificaram maior frequência de *nós* entre os homens do que entre as mulheres, as quais preferem a forma inovadora *a gente*. Quanto à faixa etária, constataram que, em termos numéricos, o uso de *a gente* prevalece entre todos os informantes. Destacam também uma sutil propensão ao uso tanto de *nós* (54,8%) quanto de *a gente* (53,4%) na 2.<sup>a</sup> FE, isto é, as duas variantes são identificadas com mais frequência no discurso dos informantes mais velhos.

Já Tamanine (2010) observou que o pronome *a gente*, em variação com a forma canônica, foi mais recorrente entre as mulheres mais jovens. Entre os capixabas, Mendonça (2012, p. 16) identificou um processo de mudança, pois “os mais jovens, de 7 a 25 anos, favorecem o uso da forma inovadora e os mais velhos, acima de 26 anos, desfavorecem esta forma”. Por fim, em Vitória, também são as mulheres que mais utilizam o pronome *a gente*, diferentemente dos homens, os quais se mantêm mais conservadores.

Alves e Sousa (2020), ao estudarem a fala maranhense, chegaram aos

seguintes resultados: o uso de *a gente* é favorecido por mulheres, por indivíduos da 2.<sup>a</sup> faixa etária (50 a 65 anos) e por pessoas com maior grau de escolaridade.

Pecuch e Pereira (2022), ao analisarem seis entrevistas de pioneiros da cidade de Maringá, identificaram 340 ocorrências de primeira pessoa do plural; mais especificamente, 125 casos de *a gente* explícito (37%); 16 casos de *a gente* vazio (5%); 134 casos de *nós* explícito (39%); 65 casos de *nós* vazio (19%). Esses dados mostram um equilíbrio entre as formas explícitas, indicando que a cidade recebeu “[...] falantes de diversos dialetos do Português Brasileiro [...] que já estavam marcados pelo processo de avanço do pronome *a gente*” (Pecuch; Pereira, 2022, p. 116).

A fim de continuar a elucidar como tal fenômeno se manifesta entre os brasileiros, cabe a este trabalho investigar a variação de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito entre os falantes nascidos e residentes no Norte paranaense. Para tanto, na sequência, apresentam-se a metodologia e o *corpus* utilizados.

## **Corpus e metodologia**

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de dados recolhidos de amostras de fala obtidas por meio de entrevistas realizadas por Galuch (2022)<sup>4</sup>, entre 08 de abril de 2021 e 28 de janeiro de 2022, com 15<sup>5</sup> informantes nascidos no Norte do Paraná e residentes na cidade de Maringá<sup>6</sup>. Os entrevistados estão divididos por sexo (sete homens e oito mulheres), por faixa etária – FE (oito informantes da 1.<sup>a</sup> FE e sete informantes da 2.<sup>a</sup> FE: na 1.<sup>a</sup> FE, estão os indivíduos com idades entre 20 e 35 anos; na 2.<sup>a</sup> FE, pessoas entre 50 e 65 anos) e por grau de escolaridade (sete informantes com ensino médio e oito com ensino superior).

Para analisar a variabilidade do uso da primeira pessoa do plural e a

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que se utilizou a conversação dirigida, em que se seguem uma ordem e um conteúdo planejados, com o objetivo de obter a maior quantidade de dados úteis no menor tempo possível.

<sup>5</sup> A princípio, analisaram-se 16 entrevistas, porém optou-se pela exclusão dos dados do informante 7 (homem, 2.<sup>a</sup> FE, ensino superior), pois seu uso linguístico destoa dos demais (sozinho, ele utilizou o pronome *nós* 129 vezes), o que poderia levar a uma análise enviesada do fenômeno em questão.

<sup>6</sup> Aprovado pelo Comitê de Ética sob n.º CAAE 37709220.6.0000.0104.

influência de fatores extralinguísticos nesse processo, esta pesquisa apoiou-se na metodologia da Sociolinguística Variacionista, que entende a língua como um sistema heterogêneo, que se relaciona com diferentes variáveis sociais, como sexo, faixa etária, grau de escolaridade etc (Alkmim, 2007; Camacho, 2007; Mollica, 2008).

Para a análise das entrevistas, optou-se por trabalhar com os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade, porque são os mais utilizados por estudiosos quando se trata de análise sociolinguística.

Quanto ao sexo, estudos têm apontado “a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas” (Freitag, 2015, p. 17). Em relação à faixa etária, os falantes mais velhos tendem a preservar mais as formas antigas (Naro, 2003); por isso, há indícios de mudança em progresso quando o uso da variante mais inovadora é mais frequente entre os jovens, diminuindo em relação à idade dos outros informantes (Tarallo, 2002). Por fim, no que tange ao grau de escolaridade, Bagno (2007, p. 43) explica que “o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática de leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos”; em razão disso, os falantes mais escolarizados tendem a preferir as formas prestigiadas, que, normalmente, são as conservadoras.

Especificamente no que tange ao uso de *nós* e de *a gente*, Vianna e Lopes (2015) afirmam que, no PB, parece haver um processo de mudança linguística quando o assunto é a variação dos pronomes de primeira pessoa, já que a forma *a gente*, a inovadora, tem ocupado os espaços do *nós*, a mais antiga. Segundo as autoras

Nesse processo de propagação de ‘a gente’ na língua oral do PB, atuam, de maneira decisiva, dois importantes fatores: em primeiro lugar, o espraiamento crescente do pronome ‘a gente’ não só entre jovens, mas também em todas as faixas etárias nos últimos 20 anos e, em segundo, o fato de não haver estigma associado ao uso da forma no desempenho oral dos falantes, mesmo entre os considerados cultos (Vianna; Lopes, 2015, p. 109).

Após o estabelecimento dessas variáveis, os dados foram selecionados, identificados, contabilizados e os resultados organizados em tabelas para posterior

análise. Na sequência, esses dados são apresentados e analisados quantitativa e qualitativamente<sup>7</sup>.

## Análise dos dados

Na análise dos dados, consideraram-se somente os pronomes *nós* e *a gente* explícitos na função de sujeito. Contabilizaram-se 440 ocorrências de sujeitos expressos na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, sendo 56 realizações de pronomes *nós* e 384 realizações de *a gente*, como mostra a Tabela 1:

**Tabela 1** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*

Pronomes	Ocorrências	Porcentagem
Nós	56	12,7%
A gente	384	87,3%
<b>Total</b>	<b>440</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

A Tabela 1 revela uma diferença importante entre o uso de *nós* (12,7%) e o de *a gente* (87,3%). Esse dado evidencia que a forma pronominal inovadora, isto é, o *a gente*, cujo avanço já fora identificado entre os pioneiros, predomina, de modo contundente, entre os falantes norte-paranaenses. Esse resultado corrobora o de outras pesquisas, como a de Omena (1996), a de Souza e Botassini (2009), a de Foeger (2014) e a de Alves e Sousa (2020).

Em relação à recorrência do *a gente* entre os entrevistados, destaca-se uma possível influência da inquiridora, que, em alguns momentos, ao fazer os questionamentos aos informantes, expressava-se usando *a gente*, como ilustra o trecho (1)

(1) INQ. – **A gente** está em um momento em que as coisas estão mais flexibilizadas, mas eu queria saber de você: de modo geral, como a pandemia afetou a sua vida?

INF. – Olha, principalmente a questão de, ai, a vida social mesmo, sabe? Porque, aqui em casa, **a gente** tá levando bem a sério, desde o início da pandemia, sabe? Porque, como o meu vô mora com a gente, meu avô tem

<sup>7</sup> Como opção metodológica, os dados são apresentados em porcentagens.

83 anos e, daí até sair a vacina, tudo, **a gente** não fazia nada, sabe? (13 F ES 1FE)<sup>8</sup>

Outro fator a destacar é a concordância estabelecida entre o verbo e o seu respectivo pronome-sujeito. Segundo os preceitos normativos, o verbo deve conformar-se ao número e à pessoa do sujeito, como em *nós vamos* e *a gente vai*. No entanto, como resultado da variação e do cruzamento dos pronomes *nós* e *a gente* (Omena, 1996), existem concordâncias variáveis como “a gente vamos” e “nós vai”, as quais são estigmatizadas e, muitas vezes, associadas a indivíduos menos escolarizados. Nesta pesquisa, não foram identificados casos de concordância com pronome *a gente* com verbos marcados pela desinência -MOS. Em contrapartida, verificaram-se ocorrências de *nós* com verbos conjugados na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, de acordo com o exposto no excerto (2)

(2) INF. – Porque lá onde **nós mora**, onde **nós morava**, uma cidade pequena, o pessoal desfaz muito das pessoa e aqui o pessoal eu nunca vi alguém se desfazendo de mim. (4 M EM 2FE)

O uso de *nós* com verbos na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, segundo Souza e Botassini (2009), parece relacionar-se com a simplificação dos paradigmas flexionais do português do Brasil, sustentando a hipótese de cruzamento dos pronomes de 1.<sup>a</sup> pessoa. Duarte (1993) explica que, antes, havia seis formas distintas de flexão, referentes aos pronomes *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós*, *eles*, com mais duas representadas pela 2.<sup>a</sup> pessoa indireta – *você*, *vocês*. Com o passar do tempo, esse paradigma passou a ser composto por quatro formas, devido à perda de *tu* e de *vós* (2.<sup>a</sup> pessoa direta), sendo que este coexiste com um terceiro paradigma em que há somente três oposições, resultado da substituição de *nós* por *a gente*. Essa simplificação pode ser vista no Quadro 2:

**Quadro 2** – Evolução nos paradigmas flexionais do português

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1. <sup>a</sup>	singular	cant-o	cant-o	cant-o
2. <sup>a</sup> direta	singular	canta-s	_____	_____

<sup>8</sup> Os exemplos do *corpus* serão identificados sempre nesta ordem: primeiramente, o número do informante; depois a indicação do sexo (M, para masculino, e F, para feminino); na sequência, aponta-se a escolaridade (EM, para ensino médio, e ES, para ensino superior); por fim, especifica-se a faixa etária (1FE, para a primeira, e 2FE, para a segunda).

2. <sup>a</sup> indireta	singular	canta-0	canta-0	canta-0
3. <sup>a</sup>	singular	canta-0	canta-0	canta-0
1. <sup>a</sup>	plural	canta-mos	canta-mos	canta-0
2. <sup>a</sup> direta	plural	canta-is	—————	—————
2. <sup>a</sup> indireta	plural	canta-m	canta-m	canta-m
3. <sup>a</sup>	plural	canta-m	canta-m	canta-m

Fonte: Duarte (1993, p. 109).

Outra situação verificada, com frequência, nos dados é a alternância do uso entre *nós* e *a gente* em uma mesma resposta, como ilustra o trecho (3):

(3) INF. – [...] **a gente** não podia entrar, tinha que ficar sozinho... só entreguei na porta e fui buscar depois de com alta, né? Então é muita coisa, sabe? **Nós** já estamos há um ano e meio quase assim, né? (16 F ES 2FE)

Por meio desse exemplo, fica evidente como, de fato, é acentuada a concorrência e a coocorrência entre esses pronomes, uma constatação importante, já que, na Sociolinguística, só é possível “[...] considerar duas ou mais formas que concorrem e coocorrem em um mesmo sistema como equivalentes se essas formas, quando usadas em um mesmo contexto, possuírem o mesmo valor de verdade” (Chaves, 2010, p. 2045), o que parece ser o caso dos pronomes *nós* e *a gente*.

Para além dessas percepções gerais, antes de serem apresentadas as análises referentes aos fatores extralinguísticos, é importante mencionar algumas especificidades dos informantes; por isso, no Quadro 3, são apresentadas as ocorrências de *nós* e de *a gente* por informante.

**Quadro 3** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* por informante

Informante	Nós		A gente	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
1 M EM 1FE	1	4,2	23	95,8
2 M EM 1FE	1	2,2	44	97,8
3 M EM 2FE	5	33,3	10	66,7
4 M EM 2FE	3	42,9	4	57,1
5 M ES 1FE	1	4,5	21	95,5
6 M ES 1FE	0	0,0	8	100,0
8 M ES 2FE	7	41,2	10	58,8
9 F EM 1FE	2	22,2	7	77,8
10 F EM 1FE	0	0,0	14	100,0
11 F EM 2FE	6	26,1	17	73,9
12 F EM 2FE	1	2,9	33	97,1
13 F ES 1FE	0	0,0	41	100,0
14 F ES 1FE	1	3,2	30	96,8
15 F ES 2FE	12	21,1	45	78,9
16 F ES 2FE	16	17,2	77	82,8

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

Verifica-se, pelo Quadro 3, que o *a gente* foi, individualmente, mais utilizado por todos os informantes, evidenciando, mais uma vez, a preferência pela forma inovadora. Inclusive, nota-se que os informantes 6, 10 e 13 somente usaram a forma *a gente* ao longo da entrevista.

Além disso, embora não seja o foco deste artigo, é válido apresentar os argumentos da informante 14, no excerto (6), que evidenciam as crenças relacionadas à primeira pessoa do plural:

(6) INQ. – Você se considera uma boa falante da língua portuguesa?

INF. – Discordo (risos).

INQ. – Por que você discorda assim com tanta veemência?

INF. – Ai, é muito difícil.

INQ. – Por que é muito difícil?

INF. – Ai, eu não sou uma boa falante. Por exemplo, eu falo “a gente” o tempo inteiro já. Da língua culta não, não sou uma boa falante. (14 F ES 1FE)

De fato, a informante em questão tem tendência ao uso da forma inovadora: em sua entrevista, foram 30 ocorrências de *a gente* (96,8%) contra uma ocorrência de *nós* (3,2%). O que chama a atenção, porém, é a sua crença em relação a esse pronome: para ela, por usar *a gente*, estaria afastando-se da norma culta. Se norma culta for entendida como aquela que “denota adequação e rigor gramatical e predomínio do uso das formas linguísticas prestigiadas” e que, por isso,

“estabelece-se um contraste entre o falar culto e os falares populares, oriundos de classes desprestigiadas, elegendo-se o falar culto como modelo” (Brandão-Silva; Pereira, 2021, p. 103), levanta-se o seguinte questionamento: já não seria o *a gente* marca também da norma culta, por prevalecer entre os falantes de português brasileiro, independentemente de fatores sociais? Embora a resposta pareça ser afirmativa, a exposição de Freitag (2016, p. 890) parece explicar a crença da informante

O prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra, o que se reflete nos resultados relativos à variável sociodemográfica escolarização. Estudos sociolinguísticos de natureza descritiva têm evidenciado a não relevância do efeito da escolarização na variação entre *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural no português do Brasil, sugerindo que não há estigma no uso das formas. No entanto, o comportamento linguístico não corresponde às crenças e atitudes linguísticas dos informantes, o que sugere que, do ponto de vista da avaliação social, a variação na primeira pessoa do plural é um fenômeno do tipo marcador, razoavelmente sensível à avaliação social, o que impõe matizes de estratificação social e estilística.

Realmente, parece que as crenças e as atitudes linguísticas não acompanham o comportamento linguístico dos falantes brasileiros, fato que se concretiza no uso linguístico e nos dizeres da informante 14.

Na sequência, apresenta-se a análise da influência dos fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade no uso das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito entre os norte-paranaenses.

## Fator extralinguístico sexo

A Tabela 2a exibe a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* conforme o sexo dos informantes.

**Tabela 2a** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme o sexo

SEXO	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Masculino	18	32,1	120	31,2
Feminino	38	67,9	264	68,8
TOTAL	56	100,0	384	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

Os dados revelam que as mulheres utilizam mais o pronome *nós* do que os homens: são 38 realizações femininas (67,9%) contra 18 masculinas (32,1%). Da mesma maneira, as mulheres também usam a variante inovadora com mais frequência: foram 264 registros femininos (68,8%) contra 120 masculinos (31,2%), resultado que dialoga com o encontrado por Souza e Botassini (2009) e por Foeger (2014).

De modo geral, esses dados indicam que a variante *a gente* parece ser cada vez mais aceita e utilizada pelos falantes do PB, já que, mesmo sendo mais recorrente entre as mulheres, os homens também a utilizam de maneira expressiva, o que fica mais nítido se considerados os sexos isoladamente:

**Tabela 2b** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme o sexo

PRONOME	M		F	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nós	18	13,0	38	12,6
A gente	120	87,0	264	87,4
TOTAL	138	100,0	408	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

Os dados da Tabela 2b demonstram que, em situação comunicativa em que se faz necessário o uso do pronome de primeira pessoal do plural, tanto mulheres como homens preferem *a gente* a *nós*: entre os informantes de sexo masculino, foram 18 ocorrências de *nós* (13) contra 120 ocorrências de *a gente* (87%); já entre os informantes de sexo feminino, foram 38 casos de *nós* (12,6%) contra 264 casos de *a gente* (87,4%).

Segundo Labov (2008, p. 281), as mulheres, em situação de monitoramento, tendem a usar menos formas estigmatizadas do que homens, além de serem mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio, o que justificaria a maior incidência de *nós* entre as mulheres, conforme indica a Tabela 2a. Por outro lado, também seria plausível afirmar que a variante inovadora está perdendo o seu caráter estigmatizado, justamente por ser mais frequente entre as mulheres. Esses dados parecem corroborar a seguinte constatação: “no caso da alternância pronominal *nós/a gente* no PB, não há uma polarização explícita entre variante de prestígio e variante não prestigiada” (Foeger, 2014, p. 92), embora a avaliação da informante 14

revele que o *a gente* ainda é uma forma desprestigiada por alguns.

### Fator extralinguístico faixa etária

Na Tabela 3a, observa-se a distribuição dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* em razão da variável faixa etária.

**Tabela 3a** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
1. <sup>a</sup> FE	6	10,7	188	49,0
2. <sup>a</sup> FE	50	89,3	196	51,0
TOTAL	56	100,0	384	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

Em termos gerais, verifica-se que, independentemente da faixa etária, os norte-paranaenses usam mais o pronome *a gente* do que o pronome *nós*: entre indivíduos da 1.<sup>a</sup> FE, foram 188 ocorrências de *a gente* contra seis de *nós*; já na 2.<sup>a</sup> FE, foram identificados 196 casos de *a gente* contra 50 de *nós*. Esses dados dialogam com os de outras pesquisas sociolinguísticas, como a de Alves e Sousa (2020), ao constatarem que, entre os maranhenses, independentemente da idade, também prevalece a forma inovadora. Parece haver, portanto, uma regularidade em todo o país, no caso, a preferência pelo *a gente* na posição de sujeito.

Em relação à faixa etária, de acordo com Naro (2003, p. 43), “os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas”, o que fica claro se comparadas as realizações de *nós* de acordo com cada faixa etária: foram seis realizações por indivíduos da 1.<sup>a</sup> FE (10,7%) contra 50 por indivíduos da 2.<sup>a</sup> FE (89,3%). Por outro lado, embora a diferença percentual seja mínima, chama a atenção que foram os sujeitos mais velhos que mais utilizaram a forma *a gente*: foram 188 ocorrências entre indivíduos da 1.<sup>a</sup> FE (49%) contra 196 ocorrências entre indivíduos da 2.<sup>a</sup> FE (51%).

Para dar continuidade à análise, apresenta-se a Tabela 3b, em que se tomam as faixas etárias separadamente.

**Tabela 3b** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme a faixa etária

PRONOME	1. <sup>a</sup> FE		2. <sup>a</sup> FE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nós	6	3,1	50	20,3
A gente	188	96,9	196	79,7
TOTAL	194	100,0	246	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

Se considerados somente os usos dos informantes da 1.<sup>a</sup> FE, fica mais evidente a preferência pela forma inovadora: foram 188 casos de *a gente* (96,9%) contra somente seis de *nós* (3,1%), o que resulta em uma diferença percentual de 93,8%. Individualmente, as porcentagens também se mostram bem expressivas: o informante 1 usou *a gente* em 95,8% das ocorrências; o informante 2, em 97,8%; o informante 5, em 95,2%; o informante 6, em 100%; a informante 9, em 77,8%; as informantes 10 e 13, em 100%; a informante 14, em 96,8%.

Em relação à 2.<sup>a</sup> FE, a Tabela 3b confirma a preferência pela forma inovadora: foram 50 ocorrências de *nós* (20,3%) contra 196 casos de *a gente* (79,7%). A diferença percentual, porém, é bem menos expressiva: 59,4%. Se considerados isoladamente, os dados da 2.<sup>a</sup> FE indicam o seguinte: o informante 3 usou a forma inovadora em 66,7% das ocorrências; o informante 4, em 57,1%; o informante 8, em 58,8%; a informante 11, em 73,9%; a informante 12, em 97,1%; a informante 15, em 78,9%; a informante 16, em 82,8%. Para além da idade, se considerado o sexo dos informantes, as mulheres da 2.<sup>a</sup> FE usam *a gente* com mais frequência do que os homens de mesma FE, o que parece indicar a atuação do sexo na realização do fenômeno linguístico em análise.

Por fim, segundo Tarallo (2002), caso não existam alterações entre as faixas etárias, haverá variação estável; por outro lado, caso a variante mais inovadora – no caso, *a gente* – ocorra mais frequentemente na faixa etária mais jovem, diminuindo em relação à idade dos informantes mais velhos, há uma situação de mudança em progresso. Os dados aqui apresentados não permitem uma afirmação categórica quanto à caracterização do fenômeno: se considerada a análise geral por faixa etária, no norte-paranaense, a variação da primeira pessoa do plural tenderia à estabilidade, já que os mais velhos usam mais a forma inovadora do que os mais jovens, como evidencia a Tabela 3a. Por outro lado, se tomadas as ocorrências de *nós* e de *a gente* separadamente por faixa etária, haveria uma mudança em

progresso, uma vez que os mais jovens optam mais pela forma inovadora do que os mais velhos, como ilustra a Tabela 3b.

## Fator extralinguístico grau de escolaridade

Na Tabela 4a, observa-se a distribuição dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* em razão da variável grau de escolaridade.

**Tabela 4a** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme o grau de escolaridade

GRAU DE ESCOLARIDADE	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Ensino médio	19	33,9	152	39,6
Ensino superior	37	66,1	232	60,4
TOTAL	56	100,0	384	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

De acordo com estudiosos, como Votre (2003), quanto mais escolarizado o indivíduo, mais propenso ele estará a usar a variante prestigiada. Isso porque a escola “atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso” (Votre, 2003, p. 51). Nesse sentido, espera-se que os indivíduos com curso superior usem, com mais frequência, a forma *nós*, já que “o domínio da primeira pessoa do plural é um contexto variável de alta saliência social” (Freitag, 2016, p. 901).

De fato, observa-se que as ocorrências de pronome-sujeito *nós* foram mais frequentes entre os informantes com ensino superior: foram 19 ocorrências de *nós* entre indivíduos com ensino médio (33,9%) contra 37 casos de *nós* entre indivíduos com ensino superior (66,1%). Esse dado reforça a tradição sociolinguística, isto é, que indivíduos com mais escolaridade tendem a mobilizar mais constantemente as variantes de prestígio. Há que se considerar, porém, que foram também os informantes com ensino superior que mais utilizaram a forma inovadora: foram 152 casos de *a gente* entre sujeitos com ensino médio (39,6%) contra 232 ocorrências de *a gente* entre indivíduos com ensino superior (60,4%).

Inclusive, embora não haja informantes que tenham completado apenas o ensino fundamental no *corpus* analisado neste artigo, pesquisas realizadas com

essa parcela da população, como a de Souza e Botassini (2009), também indicam a preferência por *a gente* em relação à forma *nós*. Desse modo, é plausível assumir que, atualmente, a forma inovadora é a mais usada, independentemente do grau de escolaridade dos falantes.

Com esses dados, é possível inferir que o *a gente* se faz cada vez mais presente nos bancos escolares, sendo, portanto, mais bem aceito. Provavelmente, o preconceito linguístico que existia quanto ao uso da expressão *a gente* é menos acentuado hoje do que fora há alguns anos, “quando era muito comum, inclusive, os professores tolherem os alunos quanto ao uso dessa forma” (Souza; Botassini, 2009, p. 7).

A fim de garantir mais embasamento à análise, apresenta-se a Tabela 4b, em que se tomam os graus de escolaridade separadamente.

**Tabela 4b** – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* conforme o grau de escolaridade

PRONOME	Ensino médio		Ensino superior	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nós	19	11,1	37	13,8
A gente	152	88,9	232	86,2
TOTAL	171	100,0	269	100,0

Fonte: Dados coletados por Galuch (2022).

A Tabela 4b apenas reforça que, entre os falantes com menos escolaridade, prevalece a forma inovadora, já que foram 152 ocorrências de *a gente* (88,9%) contra 19 casos de *nós* (11,1%).

Quanto à influência do grau de escolaridade, os dados recentes permitem uma comparação histórica. Em 1994, Monteiro identificou que, entre informantes portadores de curso superior completo, prevalecia a forma conservadora. Segundo Monteiro (1994, p. 150 *apud* Souza; Botassini, 2009, p. 3)

A substituição de *nós* por *a gente* não atingiu na norma culta o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular. Enquanto nesta se acusa uma preferência geral de 69% para o uso do sujeito *a gente*, na norma culta se dá o contrário: a preferência é de 62% para o pronome *nós*.

Se, em 1994, o nível de aceitação de *a gente* era diferente entre os falantes da norma culta e os da norma popular, 30 anos depois, essa aceitação se mostra

quase equivalente, já que, tanto na fala popular – considerada, aqui, como a característica de indivíduos com menos escolaridade –, como na fala culta – considerada, aqui, como a característica de indivíduos com mais escolaridade –, o uso de *a gente* prevalece em relação ao *nós*: entre informantes com EM, foram 19 ocorrências de *nós* (11,1%) contra 152 ocorrências de *a gente* (88,9%); já entre os informantes com ES, foram 37 casos de *nós* (13,8%) contra 232 casos de *a gente* (86,2%).

Assim, é possível inferir que, ao longo dos anos, o uso da forma inovadora foi avançando e se firmando, a considerar, por exemplo, a preferência dos mais escolarizados pela forma *a gente* no cenário atual, o que parece indicar, também, a redução do estigma associado ao uso da forma inovadora.

## Considerações finais

A pesquisa que subjaz a este artigo permitiu constatar que os norte-paranaenses tendem a preferir o *a gente* (identificado em 87,3% das ocorrências) como pronome-sujeito de primeira pessoa do plural, cujo avanço fora identificado já na fala dos pioneiros da cidade (Pecuch; Pereira, 2022).

Quanto aos fatores sociais, se considerados os resultados aqui obtidos, em comparação aos homens, as mulheres ficam à frente tanto no uso de *nós* (67,9%) como no uso de *a gente* (68,8%). Por outro lado, se tomados os usos separadamente por sexo, há uma preferência contundente de ambos os sexos pela forma inovadora: entre os informantes de sexo masculino, foram 87% ocorrências de *a gente* (87%) e, entre os informantes de sexo feminino, 87,4%. A considerar que, com frequência, as mulheres “demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente” (Paiva, 2003, p. 40), é possível inferir que há pouca ou nenhuma diferença em relação ao prestígio atribuído às formas pronominais de primeira pessoa do plural.

Quanto ao fator faixa etária, se considerada a análise geral, no Norte do Paraná, a variação da primeira pessoa do plural tenderia à estabilidade, que se materializa em uma diferença de 2%, pois os indivíduos da 2.<sup>a</sup> FE usam mais a forma inovadora (51%) do que os pertencentes à 1.<sup>a</sup> FE (49%). Por outro lado, se

tomadas as ocorrências de *nós* e de *a gente* separadamente por faixa etária, haveria uma mudança em progresso, já que entre os mais jovens a forma inovadora é mais recorrente do que entre os mais velhos: 96,9% de ocorrências entre os informantes da 1.<sup>a</sup> FE e 79,7% de ocorrências entre os informantes da 2.<sup>a</sup> FE.

A considerar a preferência dos mais escolarizados pela forma *a gente*, é provável que o estigma associado ao uso da forma inovadora esteja decrescendo, ao contrário do que fora verificado fortemente nos bancos escolares durante anos.

Posto isso, destaca-se que, independentemente dos fatores sociais, os norte-paranaenses preferem o pronome *a gente* ao pronome *nós* na posição de sujeito. Esse dado reforça como o sistema pronominal recorrentemente apresentado pelas gramáticas normativas já não corresponde à realidade linguística do país.

## Referências

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.

ALVES, C. C. B.; SOUSA, L. A variação nós/a gente no falar maranhense. *Porto das Letras*, Porto Nacional, v. 6, n. 1, p. 34-49, abr. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8079>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRANDÃO-SILVA, F.; PEREIRA, H. B. A variação “nós” e “a gente” nos sujeitos sentenciais: do uso real em entrevistas escritas ao ensino e aprendizagem de língua portuguesa. *Letras em Revista*, Teresina, v. 12, n. 1, p. 101-119, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/379>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1, p. 49-75.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAVES, E. As pistas gráficas nos estudos sociolinguísticos: definindo variantes gráficas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro,

2010. p. 2404-2425.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.

FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1601>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225>. Acesso em: 12 fev. 2024.

GALUCH, Laura Bellanda. Crenças e atitudes linguísticas: a variação da concordância verbal na fala de norte-paranaenses. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/dissertacao\\_final\\_laura-bellanda-galuch\\_impressao.pdf](http://www.ple.uem.br/dissertacao_final_laura-bellanda-galuch_impressao.pdf). Acesso em: 06 abr. 2024.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIA, F. P. S. A variação nós/a gente no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, São Cristóvão, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1032>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 1-18, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-57.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo

Brasileiro, 1996. p. 311-323.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PECUCH, G.; PEREIRA, H. B. Para história do PB em Maringá-PR: a variação *nós* e *a gente* nos sujeitos sentenciais na fala dos primeiros moradores. *In*: BRANDÃO-SILVA, F.; ROMUALDO, E. C.; PEREIRA, H. B. (org.). *da variação linguística à “pedagogia da variação”*: descrição e ensino de português. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 97-121.

SOUZA, A. S.; BOTASSINI, J. O. M. A variação no uso dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente*. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 12.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICAS, 1., 2009, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 1-10. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009\\_gt\\_lg06\\_artigo\\_4.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_4.pdf). Acesso em: 20 ago. 2023.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente*: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba-PR. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/24120>. Acesso em: 20 ago. 2023.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em: 10 nov. 2023.

Aprovado em: 14 fev. 2024.

Publicado em: 30 jun. 2024.

Revisora de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli

Revisor de língua inglesa: Juliano Brambilla Neri

Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho